



PAISAGEM DA NOVA-CALEDONIA.

As ilhas Wallis são de toda a Polynésia as únicas onde o christianismo derrubou completamente a idolatria. A conversão dos indígenas d'esta pequena parte do mundo marítimo tem apenas quatro annos de data. Cremos que será interessante a narração das fadigas que teve de supportar o padre Bataillon desde o anno de 1837, em que pela primeira vez poz pé n'estas ilhas, até o dia em que foram coroados de exito feliz os seus esforços. Logo ao principio foi pelos naturaes reputado como um dos aventureiros vagabundos que os navios da pesca da baleia deixam ás vezes n'aquellas praias: sem praticarem contra elle acto algum de violencia, comtudo o arredavam de si, chamando-lhe nomes grosseiros. O religioso ministro, resignado com sua sorte, supportava com tranquillidade heroica os seus padecimentos, confiando meramente no auxilio da Providencia, celebrando missa ora no meio de espessuras impenetraveis, ora cercado de alguns ociosos attrahidos de maligna curiosidade: promptamente se familiarizou com as expressões principaes da linguagem nativa das ilhas, e soube distinguir bem as imprecações, a que sómente respondia com um olhar em que se debuxava a serenidade da sua alma, e a compaixão que lhe inspiravam aquelles miseraveis idolatras. Este olhar e a brandura do seu character captivaram, tendo decorrido alguns mezes, oito ou dez naturaes da pequena ilha de Nukutea, onde reside o maioral d'esta gente, o qual, sendo então muito moço, declarou-se protector do padre, e exhortou a sua tribu a ouvi-lo. Passaram-se dois annos, e o pequenino rebanho, crescendo em numero, mostrava, perante as perseguições dos seus patricios pagãos, uma constancia e resignação verdadeiramente christãs. Certo dia, algumas

tribus idolatras saquearam os campos d'inhames dos catholicos: estes, privados de alimentos, congregaram-se á voz do mancebo, seu principal, para se vingarem: mas o padre Bataillon, acalmando-lhes o furor, concebeu a idea de encaminhar esta circumstancia á gloria da religião, intentando por uma cruzada pacifica a conversão simultanea de todos os insulanos pagãos. Fez uma bandeira com a imagem da Santissima Virgem; e os christãos, alistados sob este pendão sagrado, marcharam ao mando do missionario para trazer a fé seus irmãos transviados. Saidos de Nukutea tomaram terra na ilha principal do grupo das Wallis ou por outro nome Uvéa. O sacerdote arengou á tropa e recommendou-lhe humanidade; ao mesmo tempo o mancebo governante, *Luqahala*, procurava chamar a seu partido os habitantes da aldeia onde havia desembarcado, e a força encaminhou-se por terra dentro, entoando canticos: pouco a pouco se augmentou, e a final contava em suas fileiras a parte importante da população, excepto a gente da aldeia, actualmente dicta de S. João Baptista, onde residia *Laveloa*, rei do archipelago, de quem sobre tudo os catholicos tinham razão de queixa: esta tribu, estreitada por toda a parte pelas tribus convertidas que lhe interceptavam os viveres, foi-se bandeando gradualmente e reunindo ao estandarte christão. O triumpho não podia ser mais completo; porém o que é para admirar, o mancebo maioral, a cuja influencia se deve em grande parte a conversão d'aquelles gentios, é o unico que não é christão. Este homem, de intelligencia muito superior á de seus compatricios, parece haver considerado a missão uma favoravel circumstancia para elevar-se e ganhar ascendencia sobre o povo, abalando o poder de

VOL. I. — DEZEMBRO 4, 1846.

C. M. L.
GABINETE
DE HISTÓRIAS
GEOGRÁFICAS

Laveloa seu tio : é animoso, perspicaz e cheio de audacia, o seu modo de dizer é vivo e seductor : parece ser o aferro á polygamia o motivo que o desvia de converter-se á fé christã.

Tivemos (diz o official de marinha escriptor d'esta narração) a oportunidade de assistir á sagração do padre Bataillon, que por bulla pontificia, de que foi portador monsenhor Amatha, passageiro do nosso navio, recebeu o titulo de bispo de Enos. A gente das povoações affluu a S. José, centro da missão, trazendo ofertas de inhames, porcos, peixes, e fructas : todos vinham trajados com seus vestidos de festa ; as raparigas entoavam hymnos, e as creanças corriam de uma banda e outra dando gritos de contentamento : quando passavamos pelos seus ranchos, era a quem mais nos apertaria a mão com ar risinho, e nos offereceria casa para descansar, ou nos iria buscar o refreio das fructas da terra.

A chegada dos missionarios catholicos, os habitantes das Wallis tinham feito bem fracos progressos nas artes da industria, e achavam-se bastante atrasados dos seus vizinhos do archipelago de Longa-Labou, que lhes fica ao sul ; porém actualmente já os igualam, em consequencia das boas disposições que desde aquella epocha manifestaram para receberem o beneficio dos conhecimentos uteis. A maioria já sabe ler e escrever, e alguns tem noções geraes da arithmetica e da geometria ; tudo nos faz presumir que chegando ao seu alcance as nossas artes se despirão do resto de apathia que ainda os ataca. São de boa apparencia e excellente constituição physica, seu character é affavel e generoso, presam os estrangeiros, e principalmente gostam do genio jovial dos francezes.

A população de todo o archipelago é quando muito de 2500 a 3000 habitantes ; o solo é productivo e favoravel a todo o genero de cultura ; o clima sadio convém a todos os temperamentos, e se não foram os excessos do kouva, bebida fermentada, que altera o sangue, os naturaes d'estas ilhas bem depressa se faziam notaveis entre os demais da Polynesia, sobretudo agora que mudaram de costumes.

A 20 de novembro de 1843 ferrámos panno na angra de Balade, que é o porto que fica mais ao norte em a Nova Caledonia, na Oceania ; apenas ancorados nos rodearam umas canoas muito-mal afeiçoadas com velas de esteira e remos apenas desbastados ; a presença dos que n'ellas vinham, nos dispoz pouco favoravelmente acerca dos naturaes d'aquella região ; os corpos frageis e estiticos, cobertos de uma capa de cebo preto, a estúpida admiração, que se manifestava por sons gutturaes incomprehensíveis, nos comprovaram a verdade da asserção dos viajantes pelo que toca á raridade das communicações de navios com esta ilha. Pareciam receosos e desconfiados, e os nossos menores movimentos os atemorizavam ; com difficuldade consentiram em subir á coberta, e nos olhavam com pasmo misturado de estupefacção ; tudo os encrava : o som da sineta, o toque do tambor, as cantigas dos marinheiros eram para elles um objecto de admiração, que ás vezes denotavam por singulares estalos dados com a lingua.

Os caledonios de casta pura são em geral da cor do chocolate ; dizemos de casta pura porque em muitos pontos do littoral são mestiços com os das ilhas Loyalty, onde a raça é de cor avermelhada. São altos, descarnados, mal proporcionados, e á primeira vista mui desairosos ; tem nariz esbarrachado, bocca rasgada com os beiços grossos ; mas os olhos pretos são ás vezes expressivos : os lobulos das orelhas, furados de grandes buracos, pendem quasi até os hom-

broz pelo costume de trazerem n'elles objectos volumosos. As suas armas ordinarias são fundas, zagaias que arremeçam com destreza a grande distancia, e massas mais notaveis pelo pezo que pela elegancia.

Os caledonios nos pareceram inoffensivos e hospitaleiros ; a sua extrema indolencia que os desvia das mais simples recreações é provavelmente a causa de dizerem os viajantes que era uma gente sem uso de razão. Examinando-os seriamente nos convencemos de que junctavam a um vulgar entendimento algumas boas qualidades. Nos primeiros dias nos inclinámos a crer que a pouca actividade no acolhimento procedia da carencia da virtude hospitaleira tão commum nos povos selvagens ; mas em breve reconhecemos que o seu proceder nascia de temor e não de má vontade.

Os indigenas da Nova-Caledonia sustentam-se quasi exclusivamente de vegetaes que cultivam, como o inhame, o tocoo &c., e de raizes mucilaginosas que crescem espontaneas nos matos. As habitações semelham cortiços d'abelhas, e outras arremedam as arribanas e telheiros ; damos amostra d'ambas na precedente estampa. As primeiras servem de refugio durante a noite, e são perfeitamente fechadas com uma entrada unica ; as segundas, patentes por um dos lados, são os logares para os ajuntamentos diurnos.

N'esta ilha encontram-se formosas planicies e extensos bosques, que em tempo breve offereceriam valiosos productos á exportação ; e póde segurar-se que n'ella por certo medrariam todas as plantas exoticas da zona torrida, e grande parte das que se cultivam nas zonas temperadas.

O FEITOR DE CANTÃO.

Novella.

(Continuado de pag. 98.)

Dias depois d'esta conversação estava deshabitada a casa d'Effendon, e outro agente dirigia a feitoria americana. O feitor antigo desapparecera sem que ninguem adivinhasse o que era feito d'elle. Alguns presumiam que embarcára ás escondidas para a America ; mas a opinião geral era que, desanimado de todo, puzera termo ao seu penar matando-se pelas proprias mãos.

Ora, em quanto na feitoria discutiam esta questão, Effendon, embrulhado n'um vestido talar de *daba* (1), apertado por um cincto do qual pendiam uma faca, um leque, e uma caixa de perfumes, com umas sandalhas de palha de arroz, e com um chapéu afunilado de perto de dezoito pollegadas de abas, ia já caminho da cidade de Peking.

A razão principal por que escolhêra o trajo de homem de negocio da Coréa, que acabamos de descrever, foi para que ninguem, pelos seus modos e pronuncia, reparasse n'elle, e visse que era estrangeiro ; mas a poucos passos se desenganou de que bem podia ter dispensado esta cautela, porque aos chinas não lhes passava pela imaginação uma empreza tão temeraria. Costumados, além d'isso, ás variedades de dialectos e physionomias das raças que povoam o immenso territorio do imperio celeste, não desconfiavam d'elle. O que no principio, aos proprios olhos d'Effendon pareceu loucura, que só o amor de pai podia desculpar, agora já lhe parecia quasi uma viagem ordinaria.

(1) Fazenda de algodão de que se vestem na Coréa.

Desejando comtudo não encontrar ninguem que o conhecesse, resolvêra ir a Peking embarcado. Por mal de peccados, este modo de viajar era ainda menos seguro que vagaroso; porque apesar de terem os chinas aberto no seu territorio trezentos e cinquenta canaes por onde, quasi exclusivamente, se transportam os viajantes e as mercadorias, os seus engenheiros ainda não inventaram as comportas, de sorte que quando as barcas chegam a alguma portagem encaham-n'as, içam-n'as por uma rampa, com a ajuda d'uma machina que está no alto d'ella, e depois arreiam-n'as por outra rampa. Como esta manobra, bastantes vezes repetida, muito retardava a viagem, pudera o feitor fazer miudas observações no paiz que atravessava, se a impaciencia não tornasse indifferente a quanto tinha diante dos olhos.

E todavia o espectáculo era tão rico quanto curioso e variado. Milhares de barcas se cruzavam no canal, carregadas de passageiros sentados em esteiras, os quaes, para lhes não parecer a viagem tão longa, jogavam as cartas, os dados ou o *tsou-mqi* (1); trigo, canas d'assucar, cearas de arroz ou algodoeiros revestiam ambas as margens; e pelas estradas vinham cardumes de camponeses, de cujas cintas pendiam a bolsa do tabaco, a pederneira e o fuzil, ou de mulheres que traziam as suas creancinhas em saccos prezos aos hombros. Tambem passaram por defronte d'alguns lagos cobertos de jangadas de pescadores que faziam mergulhar os *leu-tzes* (2), aos quaes depois tiravam a preza.

Quando Effendon chegou a Nanking, achou um grande ajuntamento de gente ordinaria, entretida em ver uma briga de gafanhotos (3), que dava occasião a muitas apostas.

O arraes da barca tomou n'esta cidade outro passageiro que, assim como Effendon, ia para Peking. Era o filho de um pobre surrador que, em vez de seguir a profissão de seu pai, quiz correr a carreira das lettras. É sabido que na China todos os empregos, tanto na ordem civil como na militar, são dados por concurso, sem se attender á classe a que pertence o candidato. Os aspirantes que não ficam bem no exame abrem commumente escholas nas cidades ou villas, e assim facilitam á gente moça os meios de se apresentarem na arena quando lhes toca a sua vez. Com um d'estes mestres tinha o filho do surrador aprendido o que se exigia para o exame da ultima classe. Quanto ao dinheiro preciso para este exame, o surrador lh'o alcançou vendendo como escravo um dos seus irmãos, especie de idiota a quem nunca tinha podido ensinar o seu officio; porque a lei china, semelhante á lei romana, dá ao pai a plena propriedade de seus filhos, e permite-lhe que disponha d'elles como de cousas. Com este auxilio conseguiu Tchao (assim se chamava o moço china) entrar para a corporação dos letrados; porém ainda não tinha podido obter o logar para que este titulo o habilitava.

Tchao era um mancebo activo, fallador, servical, e que não cessava de andar ao faro para abocar qualquer posta.

Poucas horas depois de embarcado já tinha toda a intimidade com Effendon, ao qual contára a historia da sua vida.

— «Até agora ainda nada me deram; porém, como diz o sabio, o homem é um céu pequeno e uma terra pequena, sujeitos a mil alternativas; dê eu o

primeiro passo, que o resto do caminho anda-se sem ajuda. Tu és meu amigo, Kang-ho (era o nome que Effendon adoptára); posso communicar-te o meu designio. Tu sabes que o *que está debaixo do céu* (1) se acha repartido em dezenove provincias, cadauma das quaes tem muitas *fou* (departamentos): que cada *fou* se divide em *tacheous* (districtos), e estes em *lians* (cantões). Como letrado estou apto para administrar um d'estes. Se der provas de capacidade será o meu nome recommendado no livro do *li-pou* (2), e adiantar-me-hei rapidamente. Posso em poucos annos subir de degráu em degráu ás nove classes, e obter o botão de pedras preciosas. Consiga eu comprar a algum governador velho o direito de o substituir, que o mais é facil. O peor é que preciso de uma grande somma para fazer esta compra, e para a ganhar é que vou a Peking, onde ha mais meios de enriquecer.»

— «E em que fazes tenção de te empregar?»

— «Em tudo que possa render-me liangs; topo tudo com tanto que as pilhe.»

A medida que se approximavam a Peking crescia no canal o numero das barcas, e faziam mais demorada a viagem. Elles avistavam de distancia a distancia grandes cidades quadradas cingidas de fortificações, ás quaes sobrelevavam arcos triumphaes, *tas* (3), e altas torres dos mosteiros de bonzos. A pouca distancia d'estas cidades havia cemiterios com tumulos de differentes fórmas, ornados de pyramides, de estatuas de homens, e de figuras de animaes, e a maior parte d'elles cercados de thuyas e cypresses. Quando passou pela frente d'estes campos de reponso foi Effendon testemunha de muitas ceremonias funebres que os chinas celebram com grande pompa, porque a veneração aos mortos, e o respeito aos pais, são as unicas virtudes religiosas que lhes ensinam. N'estas ceremonias vão os bonzos adiante do feretro, levado por cousa de vinte homens debaixo d'um docel. Vem atraz d'elle uma liteira dourada, á roda da qual queimam aromas, e dentro da liteira uma tabella com os nomes e titulos do finado, taes quaes hão de ser gravados no tumulo. Seguem-se meninos cobertos com um gorro particular, e com uns balandras de panno grosso por cima dos seus vestidos. Em chegando o corpo ao logar em que ha de ser enterrado, depositam-n'o n'uma cova profunda, cobrem-n'o de terra misturada com cal, e depois de haverem cravado em volta da sepultura bugias perfumadas e bandeirolas de cores, começam a queimar em honra do defuncto, cavallos, vestidos ou bonecos de papel. Tudo acaba com um banquete composto de iguarias postas com antecipação sobre a sepultura, e concluido isto voltam os parentes para sua casa, levando a tabella em que fallámos, a qual ahi guardam ao pé do altar consagrado aos genios domesticos, e incensam duas vezes cada anno.

A algumas *li* (4) de Peking os embarços da navegação cresceram tanto, que os dois viajantes preferiram saltar em terra e andarem o resto do caminho a pé pela estrada calçada de granito que vai ter á capital do *imperio celeste*.

(1) Nome que os chinas dão ao seu imperio. Thian-Hia, o que está debaixo do céu, o mundo, corresponde ao *orbis* dos romanos.

(2) Ha seis tribunaes ou conselhos superiores em Peking, e que são verdadeiros ministerios. O *li-pou* corresponde ao nosso ministerio do reino.

(3) Chamam-se *tas* certos edificios de cinco ou seis andares, com outros tantos telhados saídos, que vemos em todas as pinturas da China. Ignora-se para que servem.

(4) Medida da China. Dez *lis* fazem uma legua.

(1) Jogo que se joga com os dedos.

(2) Especie de corvo-marinho.

(3) Estes combates são mui communs na China, assim como os dos grilos, codornizes, e de gallos.

Novo obstaculo lhes atrazou a entrada na cidade : era dia de revista, e as tropas tomavam todas as passagens. Effendon ainda tentou passar por entre os batalhões ; mas trabalharam os bambús dos homens da policia encarregados de conter o povo, e fizeram n'ò tornar atraz. Não teve remedio senão moer a paciencia á espera que a revista acabasse. Tchao, que não deixava escapar pela malha qualquer occasião de fallar e ostentar o seu saber, aproveitou a demora para explicar ao seu companheiro da Coréa o systema militar dos chinas. Disse-lhe que o *filho do céu* tinha ás suas ordens mais de um milhão de soldados, assim chinas como mongoes e mantchous. Estes soldados, que se casavam, e cujos filhos vinham tambem a ser soldados, estavam divididos pelas duas mil cidades fortificadas do imperio, onde recebiam do estado um soldo e certa porção de terra que fabricavam por sua conta. No armamento tinham muita variedade : havia cavalleiros que pelejavam com azorragues armados de pontas de ferro ; outros corpos estavam armados de espingardas de murrão, outros de lanças e dardos ; porém a maioria do exercito compunha-se de soldados semelhantes áquelles a que se estava passando revista. Ora, o uniforme d'estes consistia em duas tunicas, n'uma cota de malha de ganga chapeada de metal, n'um capacete de ferro sobrepujado d'uma borla de crinas pintadas, n'um sabre, arco, aljava, e n'uma pequena caixa em que guardavam as cordas e dardos de reserva.

Tchao mostrou a Effendon alguns batalhões escolhidos chamados tigres da guerra, por ser o seu fardamento de uma só peça, justo, mosqueado, e coroadado por um capuz de orelhas que lhes dava algumas parecenças com esta fera. As suas armas eram a cimitarra e um escudo de bambú.

Quando acabaram de desfilar as tropas puderam enfim os dois viajantes seguir o seu caminho, e não tardou que avistassem as muralhas de Peking, de quarenta e cinco palmos de altura, cercadas de um fosso, e defendidas de distancia em distancia por grandes torres.

Ao entrar na capital da China sentiu Effendon pulsar-lhe o coração. Chegára ao termo da sua viagem ; respirava o mesmo ar que sua filha respirava. Por maiores que fossem as difficuldades que ainda tinha de vencer, este primeiro triumpho lhe provava quanto póde a coragem. Começou a esperanza a entrar-lhe no coração, e com uma especie de alvoroço se entranhou nas ruas da grande metropole da China.

Estas ruas alinhadas, com vinte e sete braças de largura, tão compridas que custava a ver-se-lhes o fim, estavam obstruidas por tanta multidão de povo, que assim que n'ellas se entrava era forçoso encurtar o passo. Havia n'ellas enxames de vendedores volantes de comestiveis, de bofarinheiros que tinham a sua fazenda sobre as duas conchas d'uma especie de balança, cujo braço descancava sobre os seus hombros, de ferreiros, de sapateiros que andavam d'uma banda para a outra com as suas taboletas portateis, de barbeiros que chamavam os freguezes ao som de uma tenazinha de aço, ou que os barbeavam com um instrumento triangular, lhes pintavam as sobrancelhas, e lhes escovavam os hombros. D'ambos os lados havia casas de madeira pintada com enfeites, nos vertices, de bollas envernizadas, e em todos os primeiros andares varandas cobertas ; as lojas occupavam-n'as todas os homens de negocio, que chamavam os compradores tangendo *gongs* que atroavam. Effendon observou que cada bairro tinha o seu commercio especial, e cada loja seu mastro ornado de bandeirolas, por baixo das quaes umas taboletas ne-

gras ou vermelhas assoalhavam em letras de ouro os nomes dos negociantes, suas genealogias, suas virtudes e as de suas mercadorias. Em certos sitios se viam *paysangs* (9) de páu com suas esculpturas, e com tres portas, erigidos á memoria de grandes successos, columnas em que se liam inscrições em honra de homens celebres, finalmente corpos de guarda fortificados e ornados de estandartes.

Apesar das turbas que pejavam as ruas, viam-se diante de quasi todas as portas mancebos divertindo-se ao jogo do volante, que a maior parte d'elles reenviavam com summa destreza com a cabeça, com os cotovellos ou com os joelhos. Tchao, que já tinha vindo a Peking, gozava do pasmo a que o seu companheiro não podia resistir.

— « Isto ainda não é nada, disse elle com aquella vaidosa complacencia com que enumeramos as maravilhas da terra que já conhecemos ao forasteiro que n'ella entra pela primeira vez ; quizera que visseis a morada do imperador, que contém o immenso palacio cercado d'agua, no qual se entra por uma ponte de jaspe do feitio d'um dragão ; mais o templo do céu, cuja sala principal, sustentada por oitenta e duas columnas pintadas de ouro e azul, representa a abobada celeste ; os templos consagrados a Fou-hi e a Confutzee ; finalmente a grande imprensa imperial, a bibliótheca, o tribunal para os medicos, a casa dos expostos, e a da inoculação e da vaccina. Peking é um mundo que, para ser bem conhecido, leva toda a vida d'um homem ; porque as duas cidades, china e mantchou, de que se compõe, comprehendem perto de dois milhões de habitantes. »

No meio d'esta falla o moço letrado se havia encaminhado para uma hospedaria onde já tinha estado, e Effendon o seguiu. Ahi começou a reflectir que a actividade de Tchao, capaz de revolver tudo, e o conhecimento que elle tinha de Peking, lhe podiam ser uteis na indagação a que ia dar começo. Por consequente, n'essa mesma noite, revelou-lhe o fim da sua viagem, e perguntou-lhe se, mediante uma recompensa, quereria auxilia-lo n'esta tarefa.

O moço letrado accitou muito depressa, segundo o seu louvavel costume, e logo no dia seguinte saiu a campo depois de ter recebido as instrucções do feitor.

(Continua.)

PROVA DO BORDÃO EM MANDEUVRE.

SUBSISTIA ainda no seculo passado em Mandevre, ao pé de Montbelliard (Alsacia) uma prova judiciaria bem extravagante. Quando se fazia algum roubo na villa intimavam todos os habitantes para se juntarem na praça da igreja, no domingo seguinte depois de vespuras. Um dos *maires* mandava que o ladrão restituísse o roubo, e por espaço de seis mezes se abstinésse do contacto da gente honrada. Se o culpado teimava em não se dar a conhecer appellavam para a prova do bordão. Cadaum dos dois *maires*, com o braço levantado, segurava n'uma das pontas d'um páu, por baixo do qual mandavam passar as pessoas presentes. Tal era o terror supersticioso inspirado por esta cerimonia que não havia exemplo de réu que se sujeitasse a ella. Ficava só e era assim descoberto. Se acaso se atrevesse a passar por baixo do bordão, e a todo o tempo descobrissem ser elle o criminoso, nunca mais ninguem communicava com elle, e era banido da sociedade dos seus compatricios.

(9) Arcos de triumpho.



CAVALLEIRO TEMPLARIO ARMADO
EM GUERRA.

HAVENDO de tractar da celebre ordem dos templarios nenhum artigo poderíamos redigir mais importante do que o notavel fragmento que encetámos no presente N.º, extrahido da *Historia de França*, obra completa, ha poucos annos publicada pelo Sr. Michelet, mui distincto entre os historiadores nossos contemporaneos.—

Os papas por acto proprio haviam preparado o seu captiveiro de Avinhão, nomeando, por espaço de um seculo, grande numero de cardeaes francezes em consequencia de aversão ao Imperio. D'este modo os reis de França acharam-se dominantes das eleições pontificias.—Em 1305 Filippe o formoso vai a um bosque de Saintonge, proximo a S. João d'Angely; o gascão Bertrand de Gott, arcebispo de Bordéus, alli o esperava. Pactuou-se então um ajuste diabolico; o monarcha prometeu a Bertrand de Gott fazê-lo papa; Bertrand prometeu quanto o rei quiz, pôr-se á sua discrição em Avinhão, condemnar o pontificado na pessoa de Bonifacio VIII; quanto á ultima condição era tal que Filippe exigiu que o arcebispo se sujeitasse a ella sem a saber. Era nada menos que a suppressão da ordem dos templarios, a perdição de quinze mil cavalleiros christãos. Beltrão jurou, e foi papa sob o nome de Clemente V.

O que era então o *Templo*?—Em París o circuito do Templo abrangia todo o grande bairro, triste e mal povoado, que conservou este nome: era a terceira parte de París d'essa epocha. A sombra do *Templo*, e debaixo da sua poderosa protecção vivia uma chusma de serventes, familiares, afiliados, e tambem de gente criminosa, por quanto as casas da ordem gozavam o direito de asylo: o proprio Filippe o formoso d'elle se aproveitára quando fôra perseguido pelo povo amotinado. Ainda permanecia, no tempo da revolução, um monumento d'esta ingratição, o massiço torreão das quatro torrinhãs, construido em 1222: serviu de prisão a Luiz XVI.—O Templo de París era o centro da ordem, o seu thesouro: ahi se congregavam os capitulos geraes: d'esta casa dependiam todas as provincias da ordem, a saber, Portugal, Cas-

tella e Leão, Aragão, Mallicorca, Alemanha, Italia, Apulia e Sicilia, Inglaterra e Irlanda. Em o norte da Europa a ordem teutonica havia saído do Templo, como nas Hespanhas outras ordens militares se formaram dos seus despojos. A immensa maioria dos templarios era de francezes, particularmente os grão-mestres.

O Templo, como todas as ordens militares, derivava de Cister. O reformador cisterciense, S. Bernardo, com a penna com que cõmentava o Cantico dos Canticos lavrou para os cavalleiros a sua regra entusiastica e austera. Esta regra era a expatriação e a guerra sancta até a morte. O templario deviam aceitar combate sempre, ainda que fosse de um contra tres, nunca pedir quartel, não dar resgate, *nem mesmo um pedaço de parede, uma pollegada de chão*. Não tinham que esperar descanso: não lhes era permitido passar a ordens menos austeras. „Ide felizes, ide tranquilos (lhes diz S. Bernardo); repelli com intrepido coração os inimigos da Cruz de Christo, bem certos de que nem a vida nem a morte vos poderão pôr fóra do amor de Deus que está em Jesus. Em qualquer perigo repeti a phrase: — vivos ou mortos, somos do Senhor.—Gloriosos os vencedores; bem-aventurados os martyres.” Eis aqui o aspero bosquejo que elle nos offerece do aspecto de um templario.—

« Cabellos tosquiados, pello erriçado, sujo de pó, negro como ferro, crestado do rigor do tempo e do sol. . . Gostam dos cavallos fogosos e ligeiros, mas não adreçados, mosqueados, acubertados. O que pasma n'este tropel, n'esta torrente que corre para a Terra Sancta é que não vedes senão scelerados e impios. Christo de um inimigo fez um campeão, do perseguidor Saulo fez um S. Paulo.”—Depois n'um eloquente itinerario guia os guerreiros penitentes de Bethlem ao Calvario, de Nazareth ao Sancto Sepulchro.

O soldado tem a gloria, o monge a tranquillidade: o templario abjurava uma e outra cousa; reunia porém o que ha de mais duro n'essas duas vidas, os perigos e as abstinencias. A importante lida da idade media foi a guerra sancta, as cruzadas: o ideal das cruzadas parecia realisado na ordem do Templo. Era a cruzada convertida em fixa e permanente, a nobre imagem da cruzada espiritual, da guerra mystica que o christão sustenta até a morte contra o inimigo interior.

Associados aos de S. João do Hospital na defensão dos logares sanctos, os cavalleiros templarios differiam d'aquelles por ser a guerra mais particularmente o objecto de seu instituto: uns e outros prestavam os mais relevantes serviços. Que felicidade não era para o peregrino que viajava pela estrada pulverulenta de Jaffa a Jerusalem, e que imaginava cair sobre elle a todo o momento os salteadores arabes, encontrar um cavalleiro, reconhecer a valedora cruz vermelha na capa branca da ordem do Templo? Nas batalhas as duas ordens forneciam por turno a vanguarda e a retaguarda: no centro collocavam-se os cruzados recém-chegados e pouco afeitos ás guerras da Asia: os cavalleiros os flanqueavam, e protegiam (diz altivamente um d'elles) *como as mães a seus filhos*. Estes passageiros auxiliares de ordinario retribuiam mal tanto affecto; mais embaraçavam do que serviam os cavalleiros. Arrogantes e fervorosos á chegada, fiados em que se faria logo a seu favor um milagre, não faltavam a quebrar treguas, arrastavam os cavalleiros a riscos inuteis, procuravam ser combatidos, e despediam-se deixando-lhes o pezo da guerra, queixando-se de não serem bem soccorridos. Os templarios formavam a vanguarda em Mansourah, quando aquelle mancebo louco, conde d'Artois, apesar do conselho

d'elles, se obstinou a perseguir os inimigos arremetendo á cidade; seguiram-n'o por brio os cavalleiros e foram todos mortos.

Com razão se julgára que nunca seria de mais o que se fizesse a favor de uma ordem de tanta dedicação e utilidade. Concederam-se-lhe grandiosos privilegios: a principio não podiam ser julgados senão pelo papa; mas perante um juiz tão supremo e tão remoto ninguem os requeria; pelo que passaram os proprios templarios a ser juizes nas causas d'elles; e tambem podiam ser testemunhas nas mesmas, tamanha era a fé na sua lealdade! Era-lhes defezo pagar tributo a potencia alguma, e conceder qualquer de suas commendas por sollicitação de poderosos ou de monarchas. Não podiam pagar nem direitos, nem feudo, nem portagem.

Qualquer desejára naturalmente participar de tão altos privilegios. O proprio Innocencio III quiz ser afiliado á ordem; e Philippe debalde sollicitou o mesmo. — Mas quando mesmo a ordem não tivesse tão grandes e magnificos privilegios, nem por isso deixaria de se lhe appresentar immenso numero de pessoas. O Templo tinha para as imaginações um atractivo de mysterio e de terror vago: as recepções celebravam-se nas igrejas da ordem, de noite e á porta fechada: os membros inferiores eram excluidos d'ellas: dizia-se que se o rei de França em pessoa lá penetrasse por certo que não saíria. O formulario da admissão era tomado de ritos dramaticos e singulares, dos *mysterios* de que a igreja antiga não receou cercar as cousas sagradas. Primeiro o adepto era appresentado como peccador, máu christão, renegado. Negava a exemplo de S. Pedro; e a abjuração exprimia-se por um acto, cuspiam na cruz; a ordem encarregava-se de rehabilitar este renegado, e de o elevar tanto mais quanto mais profunda era a sua queda. Da mesma maneira na *festa dos loucos* o homem offerecia o preito da sua imbecillidade, da sua infamia á igreja que o devia regenerar. Estas comedias ao divino, de dia para dia menos comprehendidas, eram cada vez mais perigosas, mais capazes de escandalisar uma epocha prosaica, que só via a letra e perdia o sentido do symbolo.

N'este caso tinham outro perigo. O orgulho do Templo deixava n'estas formulas um equivoco impio: o adepto podia capacitar-se de que além do christianismo vulgar a ordem ia revelar-lhe uma religião mais sublime, abrir-lhe um santuario por detraz do santuario. Este nome do Templo não era sagrado só para os christãos: se para estes designava o sancto sepulchro, aos judeus e muisumanos lembrava o templo de Salomão. A idéa do Templo, mais elevada e mais geral do que mesmo a da Igreja, estava de algum modo sobranceira a qualquer religião. A Igreja tinha data e o Templo não a tinha: contemporaneo de todas as idades era como um symbolo da perpetuidade religiosa. Ainda depois da ruina dos templarios o Templo subsiste, pelo menos como tradição, nas insinuações de grande numero de sociedades secretas, até os rosa-cruzes, até os franc-maçons (1).

A Igreja é a casa do Christo, o Templo a do Espirito. Os gnosticos tomavam para sua grande festa não o Natal, ou a Paschoa, mas o Pentecostes, dia em que baixou o Espirito. Até que ponto subsistiram

(1) É possível que os templarios que escaparam se convertessem nas sociedades secretas. Na Escocia desaparecem todos, á excepção de dois. Ora, tem-se observado que os mais secretos mysterios da franc-maçonaria se reputam emanados da Escocia, e que os grãos superiores são chamados *escocizes*. Vêde Grouvelle e os escriptores a quem seguiu, Munter, Moldenhawer, Nicolai, etc.

estas seitas velhas na idade media? . . . Foram a ellas afiliados os templarios? . . . Taes questões, a despeito das engenhosas conjecturas dos modernos, permanecerão sempre obscuras pela insufficiencia dos monumentos.

Estas doutrinas internas do Templo parece que a um tempo se querem manifestar e esconder. Julga-se que se reconhecem nos emblemas estranhos esculpidos na portada de algumas igrejas, ou no ultimo cyclo epico da idade media, nos poemas em que a *cavallaria purificada* não é mais que uma odyssea, uma imagem heroica e pia em demanda do sancto graal, como chamavam ao vaso que recolheu o sangue do Salvador. A simples vista d'este vaso prolonga a vida quinhentos annos: só as creanças se podem chegar a elle sem morrer. Á roda do templo que o encerra velam as armas os *templistas* ou cavalleiros do Graal.

Esta cavallaria mais que ecclesiastica, este ideal grave e sobejamente puro, que foi o remate da idade media e o seu extremo sonho, achava-se, por sua mesma elevação, estranho a toda a realidade, inacessivel a toda a practica: o *templista* ficou nos poemas, figura nebulosa e semi-divina; o *templario* entranhou-se na brutalidade. (Continúa.)

UM QUADRO DE MISERIAS DA VIDA HUMANA.

VEM um negociante da praça, ou logrador ou logrado, jantar esplendidamente (depois se farão os rateios aos crédores), e determina ir n'aquella tarde para a sua quinta; o ar e-tá sereno, o sol claro e tepido, a estação risonha; ahi estão as seges, os boleiros tem o porte e o empenado da Assembléa; a familia embarca, o trote começa, a voz gorgeta sóa repetidas vezes desde a envernizada caixa até as orelhas do desavergonhado carrasco dos estiticos cavallinhos; mas alli a Sete-Rios, no meio da triumphal carreira, outro demonio peor que o boleiro da Assembléa, ou do Pilha-gatos, um carreiro, se atravessa diante com um carro de feno, que vem para consumo da cidade, e que vem bem emparelhado em altura com os proprios arcos das Aguas Livres, mette-se a sege, lá vão as senhorás com a sege tombada, amarrotam-se as plumas, rasgam-se os filós, perde-se um indispensavel, e era de França. . . primeira des graça.

Emfim chega aquelle potentado ao seu palacio campestre. Um horisonte enganador lhe promette o mais agradavel e salutar passeio. Vai passear em liberdade, diz elle, e consiste esta em andar de jaqueta; porém os caminhos estão perdidos, os combros com as invernadas são immensos, as pedras soltas são ás carradas, volta-se o discreto para fazer uma reflexão em Botanica a uma das senhoras da partida, dá uma formidavel topada, e o pé, que lhe vai estalando dentro da envernizada bota, soffre uma dôr, que lhe faz acabar o discurso antes de o principiar. E isto não presta? Continúa o passeio a coxear, mas é preciso passar uma levada de agua, que vai impetuosa, e para a passar apenas ha no meio das aguas umas pedras redondas ou agudas, postas em grandes distancias. As senhoras tremem, guincham, e fazem infernaes caretas sobre esta perigosa ponte. Estende o negociante a mão, mas na ultima pedra escorrega um pé á senhora, e dá comsigo na levada. Nova desgraça: porém o sol e o vento repararam em poucos instantes este funesto accidente; esquece esta primeira tribulação e tudo vai bem: mas de repente cobre-se o céu de nuvens espessas, esconde-se o sol, e começam de se ouvir ao longo os echos dos tro-

vões; eis-aqui o nosso homem, que se tinha adiantado no passeio, a correr para casa; mas o vento cresce em remoinhos, levanta nuvens de poeira, que de tal sorte lhe enche os olhos, que não pôde dar um passo; caem gotas d'agua como castanhas, que lhe alagam o chapéu mais a jaqueta, e que são annuncios de novas desgraças. O temporal cresce, os relampagos são tão bastos que o deslumbram, e com um estrepitoso trovão, rasgando-se uma nuvem perpendicular, cõe em cima d'elle um diluvio d'agua que o submerge; foge, mas é preciso subir um outeiro que não é de granito primitivo, como dizem os naturalistas, é de barro, e tanta agua tem embebido, que atasea até o joelho; o homem mais recua que adianta, e puxando um pé com força, fica-lhe lá uma bota; mas á força de trabalho tira a bota, calça a bota, e a chuva a cantaros em cima d'elle. E noite fechada, e elle ainda está a meio caminho da casa; perde-se no caminho, e querendo ir para Bemfica vai para o Calhariz. Sae da porta d'um palheiro um cão esfomeado, e tanto lhe ladra, e tanto o persegue, que o homem, curvando-se para achar uma pedra com que lhe atire, escorrega, e dá uma formidável cambalhota no meio d'um lameiro, onde continúa a chafurdar um quarto de hora.

Depois de muitas fadigas, chega enfim a casa molhado, enlameado, e morto de fome; mas os criados e as criadas, que pilharam os senhores fóra, cuidando em divertir-se, descuidaram-se de fechar as janellas da sala e da alcova, e está tudo um lago de agua que não ha onde pôr os pés: uns patos destinados para a ceia apanharam agua, e abalaram, de sorte que não apparecem, nem apparecerão mais. Parece que tudo se reunira para o contrariar, e para lhe consumir a paciencia.

Isto ainda é pouco: a casa campestre do senhor fica mui proxima á igreja; ha um enterro de luxo aquella noite, e o estouvado do sachristão deixou ir os rapazes para a torre, que se fazem a olho com os sinos, desafinadissimos, e um d'elles quebrado. Isto é pouco. Tinham feito debaixo das janellas um monte de estrume da altura do monte Caucaso; o vento que sopra, a chuva que caiu, fazendo fermentar aquelle thesouro do deus *Sterculino*, como lhe chamaram os romanos, o faz tambem exhalar um perfume que empesta as casas todas; e um forno de louça vidrada, que está na vizinhança, as enche de um fumo tão espesso, que se não pôde respirar: da parte de cima está uma cira de milho, e os ladrões dos saloios a trabalhar incessantemente com os compassados manguaes. O estrondo e os assobios de um moinho de vento no proximo outeiro, não cessam nem de noite nem de dia. Uma raposa, talvez que de dois pés, veio n'essa mesma noite ao quintal, e despovoou as capoeiras de tudo o que estava esperando o momento da morte no dia dos annos da senhora; e uns poucos de rapazes, saltando o muro da quinta, varejaram, verdes e maduros, os pecegos todos, que se guardavam para a mesma função.

Fatigado o nosso homem de tantas contrariedades, resolve-se a tornar para Lisboa; mas tombando-se o carro de matto, caiu na calçada de S. Sebastião um caixote com um aparelho de Saxonia, que servia na partida das quintas-feiras, que a senhora dava; tudo se fez em pedaços, quebrou-se um pé de um piano de Erhard, e esmigalhou-se de todo a guitarra das lições da menina.

Com estes incommodos chega a casa, e saindo no outro dia a descontar uma lettra, virando atraz a cabeça na rua do Lambaz, um homem que vinha na mesma direcção lhe deu tamanha marrada, que se

ouve no adro de St.^a Catharina; caiu no chão, e trazendo-lhe de uma casa um pucaro de agua, tod^a lh'a entornaram por cima. Ao virar da Cruz-de-pau um cumprimenteiro seu conhecido lhe quer ceder o logar da parede, o homem toma outra direcção, e o outro a toma ao mesmo tempo, de sorte que ambos por meia hora balanceiam ao mesmo tempo ora á direita ora á esquerda sem ninguem se decidir.

Vem como arribado á rua larga do Lorête, uma rebanada de vento lhe leva o chapéu pela rua do Alecrim abaixo; corre, e no instante em que lhe ia a pegar, outra rebanada de vento lh'o leva até o caes do Sodré; uma nuvem de rapazes lhe dá uma apupada.

Recolhe-se o homem a casa, junta, e quer dormir a sesta a ver se o fio das desgraças se rompe ou se interrompe algum instante, mas dois cegos, um com uma sanfona, outro com uma rabeca, e um rapaz com um pandeiro, se poem a tocar e a cantar mesmo ao pé da janella do quarto de baixo, onde o homem tem o escriptorio, e onde queria seegar no seu camapé; e uns barbaros que moram no segundo andar, a darem mais dinheiro aos cegos para se não calarem.

Quer o homem dar um passeio de tarde para ver se, em ar livre, se lhe desempeera a cabeça, e apenas sae de casa encontra o seu lettrado, e querendo dar-lhe novas instrucções sobre um pleito que traz pendente em materias de cambios, linguagem mais inintelligivel que a dos calculos, um maldicto carro de fanico, carregado com vergas de ferro da Suecia, começa de fazer tal metinada atraz dos dois interlocutores que vão passando, que não entende palavra um ao outro, e o pertinacissimo carro não obstinado em os seguir, que por fim se apartaram deixando as instrucções por fazer.

J. A. DE MACEDO. — *O Desaparecido*, n.^o 3.

O CÃO DO NORTE DA SIBERIA.

Na expedição ao norte da Siberia, feita por ordem do governo russo, e dirigida por Mr. Wrangell, hoje almirante, teve este official de attender a longos e dillicéis preparativos para a sua primeira excursão no mar Glacial, apenas chegou a Kolima, que devia ser o centro das suas operações por espaço de tres annos. Era mister assegurar a subsistencia dos membros da expedição por todo o tempo d'esta primeira empreza: cincoenta nartas ou carrinhos trenós, puxados por seiscentos cães, era necessario para conduzir viajantes, guias e abastecimentos, e só o sustento d'essa legião canina era de per si grave. A actividade do commandante e de seus amigos superou as difficuldades; proveu-se de sufficiente peixe secco, dos trenós e dos seiscentos cães.

O cão, fiel e util companheiro do homem nas diversas regiões, entre os povos remotos septentrionaes supprime o cavallo; é quem accerta a sua dorso por cima da neve gelada e entre serres de ventos que atulham o littoral, e é quem o conduz á caça e á pesca, e a qualquer parte onde o demandam as necessitates materiaes da existencia. contenta-se com um pouco de peixe secco, e mesmo não tem precisão de satisfazer inteiramente o appetite para correr a perda de folego até o ponto que lhe maream. — O cão do norte da Siberia parece-se singularmente com o lobo: o focinho longo e pontagudo, as orelhas sempre tezas, o rabo felpudo, o pello na maior parte do tempo basto como o dos cães da Terra-Nova, dão-lhe um aspecto selvagem, e, forçoso é dizê-lo, pouco capaz e de inspirar affouteza ao viajante que não sabe distinguilo; uiva mais do que ladra, mais outra seme-

lhança com o lobo. Fica exposto constantemente ao ar; e para resguardar-se das ferroadas dos mosquitos no verão sabe cavar tocas na terra, ou então mergulhar-se na agua, e assim passa tranquillo, o dia todo: de inverno, para preservar-se do frio, agacha-se em a neve, enovelado e só com a ponta do focinho descoberta, tendo a precaução de cobri-la com a cauda espessa para a livrar da geada. A sua criação é tão mal tractada como a dos filhos dos siberios. O cão mais astuto, e melhor ensinado põe-se na frente do tiro, porque d'elle dependem a celeridade, o bom caminho, e não poucas vezes a segurança do viajante. Porém occasiões ha em que o instincto vence a criação: se os cães topam com vestigios de animaes bravios partem na direcção que lhes indica o olfacto, puxando com esbrosa velocidade o trenó e seu dono; nada se poderia em tal caso trazer ao bom caminho, sobre tudo se os estimulou a fome; contudo o instincto superior do que vai na dianteira, que mostra entender o erro dos companheiros, e uivando então com toda a força, tomando o lado opposto á direcção que os outros seguem, como se descobriera alguma proia digna da sua avidez, lhes troca assim a direcção, e leva-os para o caminho recto. Também as vezes é elle quem conhece, no meio dos redemoinhos de neve que a tempestade levanta, o abrigo que erguera no deserto não provida para o viajante desgarrado. Tamanho é o apreço que os naturaes fazem d'esta raça de cães, que, reinando uma epidemia em que morreram milhares, a mulher de um siberio, para salvar dois unicos cachorros que lhe restavam de seus numerosos filhos, alimentou-os com o proprio leite; fazendo-os collaços de um filhinho que a esse tempo desmamava.

A FESTA DE PETERHOFF.

O Sr. marquez de Custine teve a fortuna de se achar em S. Petersburgo na epocha d'esta brilhante funcção, dia festivo assim para a corte como tambem para o povo, e em que por vontade do imperador todas as jerarchias e classes se misturam e tomam parte nos regosijos publicos dentro dos dominios particulares do soberano, Peterhoff é um castello situado nos suburbios da capital, e a tapada magnifica que o cerca é lugar onde se ajunctam os curiosos, quer nobres e militares, quer burguezes e paizanos. — O citado auctor descreve assim a illuminação da noite d'esse dia:

« Dizem que no anniversario da imperatriz seis mil carruagens, trinta mil peões, e innumeravel quantidade de barcos saem de Peterburgo para formar abaracamentos ao redor do Peterhoff. Parte da guarda imperial e o corpo dos cadetes tomam igualmente acampamento em torno da residencia do autocrata; e toda a gente, officiaes, soldados, mercadores, servos, amos e senhores vagueam pelas mattas, onde duzentos e cincoenta mil lampeões expulsam as sombras da noite. Dizem tambem que dentro em trinta e cinco minutos todos os lampeões do parque se accendem empregando-se mil e oitocentos homens: a parte da illuminação que faz frente ao castello accende-se em cinco minutos; entre outras porções abrange um canal que corresponde á principal varanda do palacio e se embrenha em linha recta a grande distancia por entre o parque, caminho do mar. Esta perspectiva é de effeito magico; a esteira d'agua do canal é de tal modo bordada de lumes e reflecte tão viva claridade que se poderia tomar por fogo. O Ariosto é que teria imaginação assaz esplendida para descrever tantas maravilhas na linguagem das fadas: reinam bom

gosto e phantasia no uso que alli fazem de tão prodigiosa massa de luz. Deram a diversos grupos de lampeões, engenhosamente dispostos, formas originaes, são flôres da grandeza de arvores, soes, vasos, parreiras de pampanos imitando as pergolas italianas (1), obeliscos, columnas, muralhas á mourisca; emfim, um mundo phantastico vos passa diante dos olhos sem repousardes a vista, porque as maravilhas succedem-se umas a outras com incrível rapidez. Distrahem-vos de uma fortificação de fogo as roupagens e rendas que fingem pedrarias finas; tudo brilha, tudo arde; é a chamma e o diamante: teme-se que o magnifico espectáculo remate n'um monte de cinzas como um incendio. Porém sempre o mais admiravel, observado do palacio, é o grande canal que semelha a lava immovel n'um bosque abrazado. Na extremidade do canal altea-se sobre uma enorme pyramide de fogos artificiaes de côres (que tem, pelo meu calculo, 70 pés) a firma da imperatriz, brilhando com alvura reluzente em cima de todos os lumes vermelhos, verdes e azues que a cercam; dir-se-hia uma pluma de brilhantes rodeada de finas pedras de varias côres. Tudo se mostra em tão vasta escala que duvidareis do que se vos patentea. — Na festa em si ha tambem um não sei que prodigioso: fallo dos episodios a que dá lugar. Durante duas ou tres noites toda a multidão, que mencionei, acampa em circuito da povoação, e espalha-se a muito grande distancia do castello. Muitas senhoras dormem nas carroagens, e os camponezes nas suas carretas: todos os variados trens, mettidos aos centos em cercados de tábuas, formam arraiaes mui curiosos de ver, e que são dignos do pincel apurado de algum artista engenhoso. »

PROVAS JUDICIARIAS NA GEORGICA.

A LEI admittia n'este paiz, hoje sujeito ao imperio da Russia, tres qualidades distinctas de provas para se descobrir a verdade: o ferro em braza, a agua a ferver, e o duelo.

Prova de ferro em braza. Punha-se uma folha de papel em cima da mão do accusado, e sobre o papel o ferro em braza; se depois de ter dado tres passos, e de se ter tirado o ferro, a mão não apparecesse queimada, declaravam-n'o innocente. D'esta prova só se fazia uso em caso de traição, roubo de igreja, e adulterio.

Prova d'agua a ferver. Deitava-se dentro d'um vaso cheio d'agua e posto ao lume, a cruzinha que de ordinario os georgianos trazem ao peito; assim que a agua começava a ferver tiravam a vasilha do lume, e o accusado devia, em nome de Deus, tirar a cruz; depois d'isto mettiam-lhe a mão n'um saquinho muito bem atado, e lacrado; se ao terceiro dia a mão não tivesse signal de queimadura davam por innocente o accusado.

Prova pelo duelo. — O denunciante e o accusado encommendavam-se a Deus por espaço de quarenta dias. Acabado o tempo das rezas penduravam-lhes ao pescoço e nas lanças tiras de papel em que estavam escriptas breves orações. Depois d'armados entravam na liça ladeados dos padrinhos munidos d'escudos e chicotes. O combate a que o rei assistia continuava até um d'elles vir do cavallo abaixo. Então os padrinhos o traziam á presença do rei, como convencido da culpa, para fazer d'elle o que lhe approuvesse. As armas do vencido ficavam pertencendo ao vencedor, e o seu cavallo aos padrinhos do ultimo.

(1) Parreiras sustidas por columnas ou pilastras.